

ALMANAQUE *dos Imigrantes*



Fascículo nº 29

Abril de 2017

COMPOSIÇÃO PAISAGISTICA

Os jardins também contam uma história

HERANÇA HOLANDESA

A tradição do tapete dobre a mesa

UM MUSEU PARA TODOS

A crescente demanda da terceira idade
em instituições de memória

MUSEUS POR UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

Os museus estão passando por um processo de redemocratização, podendo desempenhar plenamente o seu papel social.

EDITORIAL

DICK CARLOS DE GEUS



2016 foi um ano de ótimos resultados para o Parque Histórico de Carambeí, pois apesar de ser um ano de crise econômica tivemos um crescimento de 15% na visitação, ultrapassando a marca de 110 mil visitantes.

Considerando que o Parque foi inaugurado em 2011, isto é, há apenas 5 anos, é um número expressivo. Se antes dizíamos que o Parque Histórico de Carambeí era considerado uma das maiores atrações turísticas dos Campos Gerais, pode-se afirmar que é uma das significativas atrações do Paraná.

Embora com orçamento bastante reduzido, o ano foi bastante positivo financeiramente uma vez que o Parque conseguiu realizar todo o calendário de programação cultural e se firmar como um museu de grande visitação.

A diretoria está orgulhosa do sucesso que o Parque tem alcançado e agradece a todos os colaboradores, voluntários ou turistas.

O Parque é de todos e para todos.

EXPEDIENTE

Realização: APHC – Associação Parque Histórico de Carambeí

Editores: Ana Paula Bomfim Martins e Felipe Pedroso

Revisão: Felipe Pedroso

Projetos Gráficos: Lucas Los

Diagramação: Lucas Los

Assessora de Comunicação: Ana Paula Bomfim Martins

Fotos: Lucas Los e Felipe Pedroso



COMPOSIÇÃO PAISAGÍSTICA OS JARDINS TAMBÉM CONTAM UMA HISTÓRIA

Jasmine Jurich Pillati

O paisagismo, além de ser uma atividade para ambientar locais e torná-los agradáveis visualmente, tem como função transmitir em sua essência tanto a cultura de um povo quanto períodos históricos vividos no momento. O principal movimento paisagístico identificado no Parque Histórico de Carambeí

tem como influências o paisagismo europeu do final do século XIX e o paisagismo desenvolvido no Brasil no século XX.

No fim do século XIX, o desenvolvimento tecnológico e científico na Europa estava no ápice, trazendo vários elementos para manifestação paisagística do momento.



A bagagem cultural de imigrantes, principalmente de origem holandesa, em Carambeí, no início do século XX, influenciou muito na composição paisagística do museu introduzindo ornamentos da época como bordas de passeio com flores coloridas, agapantos (*Agapanthus* sp.) e lírios de um dia (*Hemerocallis* sp.), chafarizes e esculturas, grandes áreas gramadas, e canteiros.

Por influência de um novo conceito paisagístico que surgiu no Brasil do século XX, influenciado principalmente por

Roberto Burle Marx, e a adaptação ao novo ambiente, podemos encontrar a utilização da flora brasileira, com emprego de bromélias, árvores frutíferas, e plantas tropicais, todas harmonizadas com um conjunto de elementos que compõe a arquitetura do local e disposição de plantas. A mistura entre o clássico da imigração, juntamente com as influências locais do país compõem o belo cenário paisagístico no museu, o qual ganhou a essência do tradicional e do inovador, do passado e do presente.



EDUCAR PARA PRESERVAR

Lucas Kugler

O museu, assim como a escola, é um lugar de aprendizado. No entanto, a principal diferença entre essas duas instituições é a forma de trabalhar com a difusão do saber.

O espaço museal oferece uma didática diferente das salas de aula, atuando como uma educação “não-formal” onde o conhecimento do público não é testado, e sim estimulado a uma interação participativa.

A mediação que ocorre dentro de um museu pode ser considerada uma ação educativa. Pensar em como transmitir o conhecimento exposto pela instituição representa uma forma de problematizar a informação trabalhada orientando os visitantes e propiciando a eles uma maneira de conhecer os mais diversos aspectos das peças ali expostas.

A voz do museu expressa a mediação e todo saber oferecido pelo mediador caracteriza uma ação planejada, resultado de um estudo levantado pelo corpo técnico da instituição para que o senso comum não seja reproduzido ao longo das exposições. Nesse processo, se faz importante a presença de um núcleo educativo, pois é ele quem observará as carências no discurso e propor ações educativas com saberes

problematizados e atualizados. Este papel educativo é a principal função social de um museu – trabalhar com perspectivas e memórias.

Quando o museu e a escola trabalham juntos, esse relacionamento proporciona um enriquecimento do aprendizado. O que é ensinado em sala de aula pode dialogar com o que é exposto no museu, construindo, assim, uma ponte entre as duas instituições. As ações educativas servem para aguçar os interesses, estimular a sua curiosidade, promover o contato com o patrimônio e formar um público visitante de museus.

Pensando nessa abordagem, o Parque Histórico de Carambeí formou um núcleo educativo para atuar entre o museu e as escolas, possibilitando uma relação pedagógica significativa para ambas as instituições. No decorrer do ano de 2016, foram executadas seis ações pontuais. Ambas as oficinas trabalham com questões pertinentes à história regional: imigração, identidades étnicas, patrimônios locais e suas diversas naturezas, tolerância e diversidade cultural, visam formar cidadania e instigar nesse público um sentimento de pertencimento à memória de sua cidade na medida em que o acesso ao museu se torna cada vez mais democrático.

ACONTECEU NO PARQUE

SABORES DO MUNDO

O Festival Gastronômico Sabores do Mundo visou celebrar e incentivar a pluralidade culinária na região dos Campos Gerais. Por se tratar de um espaço museal, o evento seguiu um viés cultural e buscou explorar essa marcante presença de diversas origens em Carambeí. A proposta era de que o público conhecesse e desbravasse a riqueza da culinária étnica, indo além da tradição das tortas, e proporcionando ao nosso visitante uma viagem gastronômica.



AÇÃO DE GRAÇAS

Para celebrar o Dia do Trabalho foi realizado um Desfile de Ação de Graças, a atividade aconteceu na Vila Histórica e teve como finalidade resgatar uma antiga tradição de desfiles alegóricos que retratam a trajetória dos colonos holandeses em terras brasileiras. O evento contou com uma celebração ecumênica e com apresentação do coral Excelsior e do grupo Violões Sonata. O desfile contou com cerca de 30 veículos antigos, entre tratores e caminhões, com a participação voluntária de toda a comunidade e com a encenação cotidiana do trabalho e da vida social.



FÉRIAS NO MUSEU

Durante o mês de julho, período de férias escolares, o Núcleo Educativo preparou uma série de atividades para o público. A instituição resgatou algumas brincadeiras antigas, que fizeram parte da infância na Colônia de Carambehy e que, muitas vezes é desconhecida pela maioria das crianças. Teatro de fantoche, chula, perna de pau e corrida de saco são algumas das atividades que foram realizadas durante o programa Férias no Museu.



ARRAIÁ

Apresentação de quadrilhas, decoração, fogueira, brincadeiras, gastronomia típica caipira, música sertaneja de raiz e moda de viola fizeram da quinta edição do Arraiá do Parque um sucesso. No sábado, dia 9 de julho, mais de 4,4 mil pessoas de toda a região prestigiaram o evento. A apresentação da Academia de Dança Gaúcha Querência Amiga, com a quadrilha Um Amor Caipira levou a plateia a uma viagem pelos arraiás do Brasil, mostrando a tradição das festas caipiras do sul ao nordeste. O público também pode assistir apresentações de escolas de Carambeí, Castro e Ponta Grossa. A festa encerrou com uma Rancheira apresentada pela Academia Estilo Gaúcho que mostrou o folclore da região sul.



FEIRA DA LEITURA

Com intuito de fomentar o consumo de obras literárias, incentivar a leitura e democratizar o acesso aos livros, a Feira da Leitura do Parque teve uma extensa programação com diversas atividades relacionadas a esse mágico universo da leitura. Lançamentos de títulos, contação de histórias, teatro de sombras, poesias, jograis e atividades lúdicas fizeram parte do evento e encantaram os visitantes, que tiveram acesso livre e gratuito durante toda a programação do segundo ano do evento.



NATAL NO PARQUE

Consolidado como o maior evento natalino da região dos Campos Gerais do Paraná, o Natal no Parque em sua VI edição teve como tema In Excelsis (Nas Alturas) e uma extensa programação de três semanas.

O Natal no Parque se diferencia de outros eventos natalinos por valorizar o sentido do Natal cristão e como nas edições anteriores é batizado com a temática do Auto de Natal. O espetáculo é o ápice do evento natalino que neste ano narrou o nascimento do menino Jesus na concepção dos anjos.

Como é tradição nesse evento, o Natal étnico fez parte desta grande festa. O Grupo Folclórico Português Alma Lusa, de Curitiba, com danças e bolo-rei demonstrou as tradições lusitana para o Natal. Os poloneses do Grupo Folclórico Polonês Wisla apresentaram a Jaselka, um espetáculo que mescla dança, teatro e a tradição cristã segundo a etnia eslava.





MUSEUS POR UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

Vilmar Batista de Carvalho

Toda a produção humana, em algum momento, transforma-se em memória. Fatos e objetos se tornam memória. Lembranças individuais tomam corpo ao se encontrarem com outras lembranças e valores culturais do grupo à qual pertence. Preservando memórias ao longo do tempo, temos artefatos históricos, fontes em potencial, ou seja, vestígios que podem atuar como testemunhas do passado.

Vestígios como estes, são importantes para que possamos compreender como viveram civilizações anteriores ao mundo que nos é contemporâneo. Do mesmo modo, para que a nossa sociedade seja compreendida futuramente, testemunhos históricos também serão utilizados. Por esse motivo ressaltamos a importância do ato de preservar a memória.

A memória é um fragmento imprescindível na construção da identidade de um grupo ou indivíduo. Ela se manifesta por meio da oralidade e dos bens tangíveis que o grupo ou indivíduo adquiriu

ao longo do tempo. O que deve ser levado em consideração é que um patrimônio preservado deve passar por processos que previnam sua deterioração.

Museus e arquivos são dotados de metodologia para gestão de um acervo (manuseio, armazenamento, prevenção), visando o aumento da durabilidade do mesmo; além de possuírem importante papel social como disseminador de memórias e culturas.

Entretanto, ao nos depararmos o cenário museal, notamos que a memória é seletiva. Vemos em instituições ligadas à memória, a predominância de um cenário elitista, ignorando a comunidade como um coletivo e representando apenas uma camada da sociedade: a dos heróis, vencedores. Deste modo, é comum que nem toda a comunidade se sinta pertencente à narrativa proposta pelo museu.

Felizmente, este cenário

está sendo desconstruído gradativamente. Os museus estão passando por um processo de redemocratização, podendo desempenhar plenamente seu papel social. Sabe-se que transformações como estas ocorrem a longo prazo, no entanto, são fundamentais para a construção da cidadania e identidades culturais. As transformações criam uma abertura de espaço para que os vínculos de pertencimento se construam e para que a comunidade eleja o que é importante para a perpetuação de sua memória.

Portanto, preservar a memória é mais que importante, é necessário. Com ela, podemos compreender costumes, valores, rituais, saberes, e o mais importante: resgatar a historicidade da sociedade em que vivemos e atuamos como agentes históricos. Preservar não significa apenas o ato de guardar; mas manter vivos costumes e saberes que se transformaram através do tempo.



**“MUSEUS E ARQUIVOS
DESEMPENHAM PAPÉIS DE
‘GUARDIÕES DA MEMÓRIA’,
POIS, SÃO DOTADOS DE
METODOLOGIA PARA
GESTÃO DE UM ACERVO”**

HERANÇA HOLANDESA

A TRADIÇÃO DO TAPETE SOBRE A MESA

Felipe Pedroso

Quem já adentrou em uma residência de imigrantes holandeses ou de famílias de descendentes, já deve ter se deparado com um costume um tanto quanto inusitado aos olhos brasileiros: o tapete posto sobre a mesa. Existem algumas vertentes da história que explicam esse hábito, alguns historiadores afirmam que o costume surgiu por volta do século XVI, conhecido como o século de ouro da Renascença Holandesa, por conta das transformações urbanas, culturais e sociais providas das investidas mercantilistas do Reino Holandês na rota oriental de especiarias e artefatos de luxo.

Com o crescimento financeiro

da classe comerciante, muitos produtos originários da Ásia ganharam a Europa, ter uma peça de tapeçaria persa ou turca era sinônimo de ostentação e evidenciava o poder aquisitivo daquela família que o possuísse, os tapetes orientais eram delicados demais e muito valorizados para serem deixados no chão, por esta razão, eram postos sobre a mesa, demonstrando bom gosto e poder, já que apenas os ricos poderiam comprá-los pelo seu alto custo.

Pode-se notar nas obras de grandes pintores holandeses do período como Vermeer e Rembrandt a presença emblemática destas peças, o tapete

sobre a mesa é notado em um grande número de pinturas, demonstrando o modismo da época que engrenava entre as classes mais abastadas. Uma outra vertente da história, conta que pelas condições climáticas da Holanda, com um inverno rigoroso, as famílias usavam deste artefato para produzir calor no ambiente, desta forma, se protegendo do frio. Independente de sua origem, o hábito resistiu e perpetuou durante séculos, as famílias de imigrantes que chegaram à Colônia Carambehy em 1911, trouxeram consigo esta tradição, apesar do clima tropical, adornavam suas residências com grossos tapetes sobre as mesas, fazendo lembrar seu local de origem.





HISTORIOGRAFIA E FOTOGRAFIA

Lucas Eduardo de Oliveira e Pablo Kyoshi

Na programação da Primavera de Museus, os Núcleo Educativo do Parque Histórico, elaborou e executou a oficina "Historiografia e Fotografia". Desenvolvida durante os dias 20 a 23 de setembro de 2016 para alunos entre 10 e 15 anos, a oficina teve como objetivo provocar o público a pensar a respeito das reconstituições de algumas peças do museu e ainda refletir a respeito da própria História como disciplina, trabalhando com a perspectiva de "como fazer história" do ofício do historiador, prescrito pelo renomado Marc Bloch.

A oficina teve por objetivo, oferecer uma visão diferente do museu e de suas construções. Foram utilizadas fotografias disponíveis no acervo da instituição, como fonte de pesquisa e de estudos, empregados na metodologia do ensino retórico, para que o público chegasse às suas próprias conclusões e interpretações. Diante de cada cenário ou objeto, o corpo técnico inseria a fotografia ao lado e questionava os alunos sobre o que conseguiam ver naquela imagem: o que acontecia; se haviam pessoas e o que elas

faziam; se fosse algum objeto, qual era sua função. Assim, os alunos puderam observar as fotografias e usar do imaginário para criar alguma cena nas construções ou nos objetos expostos na ala museal Vila Histórica.

A intenção do projeto era que os alunos observassem as peças e o processo histórico presente no discurso musealizado da Vila Histórica, os quais representam elementos da imigração holandesa e da formação étnico e social da Colônia Carambehy. Ao final, os participantes desta ação, deveriam utilizar suas máquinas fotográficas (celulares, tablets, etc.) para fotografar algo dentro do museu e evidenciar sua percepção pessoal sobre um objeto, cena ou algum outro elemento. Em seguida, deveriam apresentar aos colegas e explicar os seguintes itens: de que forma aquela imagem era uma fonte; o que poderia se aproveitar dela; como foi sua visão na hora de capturar a imagem.

A oficina contou ao final com 54 alunos e foi uma das várias atividades ocorridas durante a programação do evento.



UM MUSEU PARA TODOS

A CRESCENTE DEMANDA DA TERCEIRA IDADE EM INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA

Ana Cristina Siqueira

É crescente a demanda do público de terceira idade em busca de turismo e lazer e o Parque Histórico, percebendo esse novo fluxo de visitantes, intensificou suas atividades voltadas a este público. Para promover essa agenda específica, o museu buscou estruturar o acesso e a acessibilidade em suas dependências: rampas, banheiros adaptados, cadeira de rodas, um carrinho elétrico destinado a pessoas com dificuldade de locomoção, treinamento periódico da equipe no atendimento e isenção do ingresso para pessoas maiores de 60 anos de idade, são algumas das ações que a instituição colocou em prática.

Essas práticas visam o incentivo de idosos a conhecerem o espaço, o que torna uma forma de integrar os diversos tipos de públicos, estimulando o acesso democrático ao museu e também auxiliando no fortalecimento da atividade turística na cidade. Na 14ª Semana Nacional de Museus realizada no mês de maio de 2016, duas oficinas foram destinadas a terceira idade, com o objetivo de demonstrar que os espaços museais podem ser utilizados para diversas atividades e diferentes públicos.

Desta forma, o museu sinaliza seu comprometimento a atender as necessidades específicas deste público, demonstrando estar apto a recebê-los e ocupá-los, com histórias, narrativas e atividades.



HISTÓRIA À MESA

O MUSEU, A ALIMENTAÇÃO E A IDENTIDADE

Felipe Pedroso

A existência do Parque Histórico de Carambeí está estritamente atrelada às práticas alimentares perpassadas pelas famílias de imigrantes, em especial dos holandeses. E por que podemos afirmar isso? Podemos iniciar olhando para a logo do museu, um homem, um cavalo e um arado, significando o árduo trabalho com a terra. O prédio que hoje dá vida a Casa da Memória é uma antiga estrebaria de alvenaria datada de 1946, local destinado à criação de rebanhos. Os monumentos do jardim frontal

também refletem essa dinâmica com o simbolismo do sementeiro. A reprodução dos antigos espaços da Vila Histórica são representações de ambientes destinados à produção, distribuição e consumo, como a fábrica de laticínios, o açougue, a chácara com o curral, o galinheiro, o moinho de cereais, o monjolo e o forno de pedra.

Em seus interiores temos artefatos, implementos agrícolas, utensílios de cozinha, livros de receitas e embalagens de produtos que

remetem a um passado pautado nas práticas agroalimentares.

Esse passado é muito mais longínquo do que podemos supor. A tradição láctea dos imigrantes holandeses, uma de suas principais contribuições para o desenvolvimento da região, refere-se às heranças de povos primitivos, frísios e batavos que habitavam a região dos Países Baixos, próximo ao delta do rio Reno num período a.C.

Durante o período Medieval e Moderno o leite era tido como a bebida nacional, tendo inclusive casas dedicadas ao comércio deste produto, as famosas Melk Tent. Assim como o alto consumo de laticínios, os holandeses ficaram conhecidos também por serem os maiores consumidores de vegetais da Europa. Com uma alimentação avaliada como das mais saudáveis e nutritivas do mundo, sua culinária foi influenciada pela simplicidade e pelos sabores da fazenda, algo que está evidenciado por todo o passeio no museu.

O uso do tamanco de madeira, por exemplo, símbolo da cultura neerlandesa, tem relação com a prática da produção leiteira, além de servir como isolante térmico no rigoroso inverno europeu era também uma proteção para possíveis pisoteadas durante a ordenha. Há inclusive

uma representação dessa cena com manequins vestindo tamancos para essa função no museu. As práticas alimentares são culturais, quando produzidas, quando preparadas e quando consumidas, já dizia o historiador da alimentação italiano, Massimo Montanari. Deste modo, podemos perceber que um simples gesto, uso de algum material ou objeto pode ter inúmeros significados e pode, inclusive, estar relacionado com a alimentação e suas práticas.

As tradições alimentares se intensificam na Idade Média e fortificam no apogeu holandês do Renascimento artístico e cultural, conhecido também como a Era de Ouro da Holanda. Esse passado mítico de origem de tradições, hábitos e costumes vai estar presente em todo o percurso de visita ao museu e também em todo seu discurso propagado.

As famílias de holandeses, que em Carambeí se estabeleceram, trouxeram consigo suas tradições; a produção láctea foi a propulsora da economia da colônia, mas a criação de suínos para a subsistência foi muito importante, pois além de alimentar as numerosas famílias, poderia se transformar em lucro com a comercialização do excedente de produção.

São inúmeras as contribuições da imigração holandesa para a região, mas o desenvolvimento da indústria alimentícia com base em suas tradições de origem é uma das mais significativas. Isso possibilitou a incorporação ao cardápio brasileiro de traços de sua cultura culinária. Presente no cotidiano, a alimentação garantiu a preservação do seu patrimônio imaterial, tornando viva a herança holandesa com um toque de sabor e história à mesa.





Foto: Acervo Regina Los Machado

A INFÂNCIA NA COLÔNIA DE CARAMBEHY

Henrique Serra Marcondes

A infância é a fase da vida em que se define o papel que desenvolverá na vida adulta. Para isso, a família, a escola, a religião e o trabalho são peças desse quebra-cabeça que compõe esta parte da vida. E é reconhecível que a infância tenha diversas perspectivas durante a história, passando de quase irreconhecível na Idade Média à de vital importância como nos dias atuais. Essa transposição (da infância à vida adulta) na colônia de Carambeí se caracteriza de diferentes maneiras conforme as diferentes gerações.

A educação estava estritamente relacionada à religiosidade dos membros da nova comunidade: os holandeses. Eles chegaram na colônia em 1911, eram de maioria protestantes, e um dos fundamentos da religião, era o de todos poderem interpretar a bíblia a sua maneira, o que influenciou

na educação dos adeptos. Portanto, os domingos eram destinados a atividades leves, como a leitura da Bíblia.

As primeiras gerações em Carambeí tiveram esta ligação com a educação, mas também mantiveram contato com o trabalho dos pais. Nos primeiros anos era comum os alunos faltarem as aulas para auxiliarem nas tarefas dos adultos nas plantações e na ordenha do gado leiteiro. Conforme os anos vão avançando e o processo de industrialização se intensificando, a educação acaba por sofrer algumas mudanças na dinâmica social da antiga colônia. Esta diferença mostra o clima da comunidade durante as décadas, onde as primeiras gerações estão inseridas em um grupo mais fechado (o contato com os brasileiros era incomum). Na terceira e quarta geração a

educação já é feita nas cidades próximas como Castro, Ponta Grossa e até Curitiba. Desta forma, a comunidade já está mais aberta para o contato com os habitantes locais.

A infância na comunidade de Carambeí era vivida de várias maneiras. As crianças tinham o direito ao divertimento contanto que cumprissem todas as suas tarefas diárias. Eram comuns improvisações de brinquedos em madeira e bonecas confeccionadas de pano ou papel. As gincanas, realizadas em datas festivas na colônia eram os favoritos dos jovens imigrantes. Embora, entre as gerações a infância seja vivenciada de maneira distinta, o laço com a educação, família, trabalho e com outras atividades de lazer faziam parte da dinâmica infantil na comunidade, revelando aspectos sociais.

Patrocínio Institucional



Patrocinadores



Institucional

